

Sylvia Plath – Carta em novembro

Meu amor, de repente

O mundo muda, muda de cor. Às nove da manhã

A luz dos postes rompe as vagens do laburno

Pela pontinha que mais parece rabo de rato.

É o Ártico,

Pequeno círculo preto,

Com uma sedosa grama âmbar – cabelinho de bebê.

Há um verde no ar,

Leve, delicioso.

Que me conforta com ternura.

Estou corada e quente.

Talvez eu esteja enorme.

Me sinto estupidamente feliz,

Com minhas galochas piso

De poça em poça no vermelho esplêndido.

Esse lugar é meu.

Duas vezes por dia

Percorro tudo e sorvo

O azevinho, com suas vieiras

Em tons de verde, ferro puro,

E o muro de antigos cadáveres.

Gosto deles.

Gosto deles como história.

As maçãs são douradas,

Imagine só –

Minhas setenta árvores

Conservam as esferas rubro-douradas,

Imersas num lúgubre caldo cinzento,

Milhares de folhas
De ouro, metálicas, ofegantes.

Ó amor, ó celibato.
Caminho sozinha
Com água até a cintura.
O ouro não se renova
Ele sangra e afunda, nas gargantas de Termópilas.

Sylvia Plath, Poesia Reunida – Tradução, Marília Garcia